

..... Artigos

ENCRUZILHADAS DA LINGUAGEM: TRADUÇÃO COMO ENCANTAMENTO DA ALMA

LANGUAGE CROSSROADS: TRANSLATION AS A SOUL ENCHANTMENT

Mariza Perassi Bosco¹

Resumo: Edgar Morin, com seus 100 anos de vida, afirma peremptoriamente em seus escritos recentes que a única solução de sobrevivência para os habitantes do Planeta Terra é reinventar e regenerar vida, é mudar de via. Operador complexo, semeador de sentidos, o tradutor humano e humanizado é instrumental para superar fronteiras, transdisciplinares saberes. Como seria possível viver sem conhecer a poesia e a prosa deste mundo sem o selo indelével dos tradutores de todos os tempos e línguas em um mundo agora mais assustadoramente *demens* do que *sapiens*. Fogo, água, sismos, vírus, Parcas sinalizam o estreitamento iminente da encruzilhada. O árduo ofício de traduzir também é arte, e em toda arte há encantamento...

Palavras-Chave: *Tradução; Tradutor; Encantamento, Conhecimento; Transdisciplinaridade .*

Abstract: Edgar Morin, in his 100 years of life, affirms peremptorily in his recent writings that the only survival solution for the inhabitants of Planet Earth is to reinvent and regenerate life, is to change course. Complex operator, sower of meanings, the human and humanized translator is instrumental in overcoming borders, in transdisciplinary knowledge. How could it be possible to live without knowing the poetry and prose of this world, without the indelible stamp of translators of all times and languages in a world now far more frighteningly *demens* than *sapiens*? Fire, water, earthquakes, viruses, Parcaes are signaling the imminent crossroads narrowing. The arduous task of translating is also art, and in all art there is enchantment...

Keywords: *Translation; Translator; Enchantment; Knowledge Transdisciplinarity.*

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP; Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Complexidade – *Complexus* da PUC/SP, Tradutora.



Tradutores são os heróis da literatura que vivem nas sombras, são instrumentos frequentemente esquecidos que possibilitam que diferentes culturas conversem umas com as outras, que nos tornaram capazes de entender que todos nós, de qualquer parte do mundo, vivemos num único mundo. Gostaria de fazer uma saudação e oferecer meus agradecimentos a todos esses homens e mulheres, esses tradutores que, sem qualquer interesse pessoal, labutam para manter a literatura viva para todos nós.

Paul Auster

É um prazer imenso compartilhar a longa jornada de tradutores que Edgard de Assis Carvalho e eu percorremos ao longo de mais de vinte anos de trabalho conjunto. Experiência que começou ao acaso, sem intenção, nem projeto.

No curso de Mestrado ministrado por Edgard, na PUC-SP, era puro entusiasmo a bibliografia escolhida por ele naquele semestre de 1999, incluindo textos dos mais atuais pensadores das Ciências Humanas em língua francesa que viriam empolgar os debates acadêmicos daquele ano.

Como a maioria dos colegas do mestrado não tinha suficiente conhecimento do francês, a circunstância foi um convite para compartilhar com eles, numa lista de e-mails, minha tradução do texto da semana. No final do semestre, Edgard anunciou o convite recebido da Editora Unesp para traduzir o livro *Ciência, Deus ou Diabo?* organizado pela jornalista Guitta Pessis-Pasternak, que incluía textos de autores como Boris Cyrulnick, Ilya Prigogine, Jean-Pierre Changeux, Francisco Varela, Paul Feyrabend e outros, todos indicados na bibliografia do semestre. Alguém imediatamente retrucou... “Mas, a Mariza já traduziu quase todos” ... dando início a uma parceria que já ultrapassa duas décadas. Simples assim.

Nossas vidas, como são todas as vidas, seguiram seu destino, por vezes dramático, com acidentes graves, doenças quase mortais, longas recuperações, mas o ato de traduzir com frequência serviu de alento e nos deu forças para prosseguir. Traduzimos até mesmo no leito de uma clínica de recuperação, entre pernas engessadas e a presença indelével das enfermeiras, e isso tudo numa véspera de Natal. *O Incandescente*, de Michel Serres, simplesmente inesquecível.

Eram épocas de traduções a partir de originais impressos, pacientemente escaneados folha a folha, traduzidos e depois enviados às editoras em arquivos de mídia





pelo correio. Eram calhamaços de papel recebidos em grossos envelopes, muitas vezes com intervenções descabidas dos revisores, o que exigia de nós longas horas de minucioso trabalho conjunto, correções feitas à mão, reenviadas às editoras com as discordâncias e justificativas, numa troca que para se efetivar dependia, além do nosso esforço, do tempo dos correios.

Eram as demoradas revisões, que muitas vezes se estendiam pelas horas da noite, resolvendo dilemas do original, movendo peças de um quebra-cabeças de expressões momentaneamente insolúveis, que envolviam mais pesquisas, leituras, argumentações, e é claro, as obsessões tradutórias, que com frequência invadiam até mesmo nossas noites de sono.

Com o avanço da tecnologia, o livro hoje chega em nossos notebooks em arquivos word que, traduzidos, são reenviados por e-mail em questão de segundos. Em tempos pandêmicos, dilemas, quebra-cabeças e obsessões tradutórias continuam a existir, mas agora tudo se decide em tempo real, pelo telefone celular, em mensagens WhatsApp que se somam às centenas e que ao serem deletadas após o ponto final no livro traduzido, trazem sempre uma certa nostalgia e a expectativa do novo que virá.

Consultas meticulosas em nossas bibliotecas pessoais, repletas de diferentes edições da Bíblia, de obras completas de romancistas, poetas, filósofos, de dicionários de expressões idiomáticas, de tratados de mitologia grega, hinduísmo, islamismo, psicanálise, de livros novos citados pelos autores, adquiridos no intuito específico de esclarecer uma ideia, um pensamento, de identificar o sentido de um poema em sua língua original, são práticas cotidianas de trabalho. E mesmo que baste um simples toque para acessar quase tudo no insaciável, e nem sempre fiável, oráculo do Google, nossas profícuas bibliotecas jamais deixaram de fundamentar certezas, incertezas e desafios na transposição de um registro linguístico para outro, na busca incansável da excelência da palavra e da clareza textual.

Por rigor, e no interesse dos leitores, é nossa prática de sempre pesquisar, redigir e incluir as incontáveis “notas dos tradutores” que capturam sentidos, identificam lugares, autores e personalidades citados, ampliam conceitos, teorias, compartilham saberes.



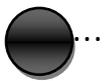


No tempo, Edgard e eu participamos de congressos nacionais e internacionais que problematizaram o ato tradutório como instrumental do conhecimento, da transdisciplinaridade, do intercâmbio entre culturas. Juntos, escrevemos artigos sobre tradução e estabelecemos uma rotina de trabalho criativa que se renova e nos emociona a cada livro traduzido.

Parcerias de êxito são relações sutis, sustentadas pelas virtudes da delicadeza e do respeito pelo outro. E isso temos construído e nutrido incessantemente. Texto e autor são Majestades. Não há espaço possível para egos desenfreados, ilusionistas. Dividimos o trabalho, trocamos os textos traduzidos, revisamos e interferimos na tradução um do outro sem qualquer pudor, nem cerimônia, mas também sem dedos em riste, sem julgamentos, sem críticas ao entendimento e à opção do outro.

Essencial para nós é o diálogo refinado, a busca incansável da fidelidade possível ao original e da clareza do texto traduzido. Ao fim das obsessivas revisões, nem mesmo nós conseguimos identificar quem inicialmente traduziu o quê. A tradução resulta fluida, harmônica e, a cada vez, revela-se uma fonte de imenso prazer.

Em suas traduções solo, que incluem três livros de Edgar Morin — *O Diário da China, Amor, Poesia e Sabedoria, e Fraternidade*, e *A Natureza da Arte, o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético* de Edmond Couchot —, e mesmo em suas aventuras poéticas na tradução de autores como Antonin Artaud e Louise Michel, Edgard prima pelo extremo cuidado estético, pelo respeito com a linguagem do autor e a fidelidade inviolável com a língua-destino.



Como revisor técnico de traduções em diversas áreas das Humanidades, seu zelo pela clareza das ideias atua como vetor desse delicado processo de intervir na tradução do outro, muitas vezes de retraduzir, com frequência sem sequer conhecer de antemão o nome do tradutor original.

Produto do mesmo zelo compartilhado, essa frutuosa parceria implica práticas e concepções comuns na arte de traduzir, o respeito mútuo, e a incansável e obsessiva busca da perfeição impossível, norte imantado de nosso apaixonante percurso.

Apresenta-se aqui uma feliz oportunidade para, junto com Edgard, visitar nossos *eus* passados que questionaram se a *Ciência era Deus ou diabo*, desvendaram



Hominescências, Incandescências, Corpos e Ramos, ouviram os *Discursos do ódio*, conheceram a *Mais bela história da felicidade*, escutaram junto com Pitágoras a *Harmonia das esferas*, perscrutaram segredos comuns *Sobre a Morte* e o além-mundo, conversaram com os *Filósofos no Divã*, participaram de *Levantes*, desfrutaram vivamente de *Simone de Beauvoir Presente*, e ouviram com sensibilidade *A Palavra do Silêncio*.

Passadas duas décadas, e uma infinidade de artigos, capítulos e livros traduzidos, jamais deixamos de aprender um com o outro, de desfrutar da poesia das ideias, dos labirintos da palavra, dos pensamentos intrigantes de toda essa gente que nos permitiu ser coautores de uma deliberada pulsão de vida que os fez a ultrapassar os limites da disciplinaridade em busca de uma visão complexa da vida, do homem, do cosmo.

Em 2021, ano do centenário de Edgar Morin, não poderíamos deixar de compartilhar também nossa jornada de tradutores de um dos pensadores mais relevantes do século XX.

Morin viveu os horrores da Segunda Guerra Mundial, que tantas vezes descreveu. Ainda jovem acreditou e defendeu o Comunismo, mas desapontado, elaborou e publicou sucessivas autocríticas. Esperançoso, abraçou causas de um mundo mais justo, mais solidário, e sentiu na pele o drama da desilusão. Desenvolveu um pensamento absolutamente inovador, *Complexo*, iluminando essa trajetória através de um número incontável de páginas escritas que Edgard e eu tivemos o imenso privilégio de traduzir e oferecer ao leitor brasileiro.

Com Edgar Morin viajamos à *Alemanha Ano Zero*, aniquilada pela guerra, na ânsia de descobrir como aquele país, que provocava tanta admiração, por sua literatura, sua poesia, sua música, pôde sucumbir à bestialidade do Nazismo. Em *Meus filósofos* convivemos com os pensadores, autores, escritores, poetas, de todas as épocas e ideais que preencheram os dias e a sede de saber do menino, do adolescente, do ativista da Resistência Francesa, do pensador Edgar Morin.

Depois de *Meu Caminho*, que percorremos juntos, em entrevistas indicadoras, entre outras, das pulsões originárias de *O Método*, obra fundamental para construção de uma Antropologia Geral, passamos com ele *Um Ano Sísifo*, nas linhas de um diário





atemporal, revelador de que a vida é sempre um eterno recomeçar. Prosseguimos juntos *Rumo ao Abismo*, que parece ser o destino dos homens se não acontecer uma crucial metamorfose. Vislumbramos maravilhados *A Via para o futuro da humanidade*, uma proposta de reestruturação do pensamento e das práticas coletivas planetárias que tem a metamorfose como meta prioritária, como utopia, mas também como sonho realizável.

Enfrentando os desafios da racionalidade, documentamos fielmente *A Aventura de O Método e Para uma racionalidade Aberta*, que nos transporta para o tempo e o espaço em que foram concebidas as ideias fundamentais dos seis volumes de *O Método*, obra que propõe um humanismo regenerado que se abastece nas fontes da ética, do amor e da solidariedade. Em *Para uma racionalidade aberta*, texto que permanecia inédito, e cujo título original era *O Método de O Método*, esmiuçamos o trabalho da escrita que constituiu o percurso dessa obra monumental e nos aproximamos ainda mais da dialogia entre vida e ideias, à qual Morin sempre se refere.

Entre vazio, luz e matéria aprendemos que somos *Filhos do Céu*, que podemos recorrer aos mitos antigos, aos poetas, filósofos, e é claro aos cientistas, para *Ensinar a viver*, a renunciar ao que é fragmentado, separado, e apostar na transdisciplinaridade, na relevância de um saber que se entrelaça e consegue ir da parte ao todo, e do todo às partes. Apoiados *Sobre a Estética*, entremeada de arte, música, poesia e prosa, sentimos a premência do sentimento estético, dessa capacidade de maravilhamento, sensibilidades que junto com a bondade e a compaixão, talvez tivessem grandes chances de salvar o mundo. Descobrimos, enfim, o *Caminho da Esperança* traçado por esse homem de inesgotável otimismo, cujas ideias inovadoras pensam, sugerem e ensinam como cuidar de um planeta, concebido idealmente sem fronteiras, que ele com toda sabedoria denomina *Terra-Pátria*.

Em 2020, em plena eclosão da pandemia da Covid-19, desfrutamos da arte de traduzir três poemas de Friedrich Nietzsche, e fomos convidados a participar de um verdadeiro manifesto. Para *nós a Liberdade*, que em suas quase seiscentas páginas coloca em cena um trio inusitado, um monge budista, Matthieu Ricard, um médico psicoterapeuta, Christophe André, e um filósofo, Alexandre Jollien. Um texto sensível e iluminado que em tempos avassaladores nos serviu de aprendizado e apaziguamento da alma, pois enaltece o amor, o altruísmo, a compaixão e a esperança, valorizando a

empatia e a interdependência entre todos os seres vivos do planeta. Na sequência, em 2021, traduzimos *O ABC da Sabedoria*, dos mesmos autores, numa derivação que resume e amplia as proposições de *para nós a Liberdade* na forma de um pequeno dicionário sutil e iluminador. Por fim, traduzimos as *Extraordinárias histórias do sábio Nasredin*, um livro adorável, repleto de histórias de sabedoria e de humor, concebido por Matthieu Ricard e Ilios Kotsou, e ilustrado por Gabs.

Traduzir é arte, é encantamento. Reinventar e regenerar a vida, mudar de via implica também reconhecer, compreender o outro igual, trabalhar incansavelmente para compartilhar com ele saberes, sensibilidades, emoções. Traduzir, é esse o ofício.

Bibliografia (Traduções Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco)

Edgar Morin. *A Aventura de O Método e Para uma racionalidade aberta*. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

Edgar Morin. *Sobre a Estética*. Rio de Janeiro: Pró-Saber 2017.

Edgar Morin. *Ensinar a viver. Manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

Edgar Morin. *A Via para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Edgar Morin. *Um ano Sísifo*. São Paulo: Edições Sesc, 2012.

Edgar Morin. *Meus filósofos*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Edgar Morin. *A minha esquerda*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Edgar Morin. *O caminho da esperança*. (com Stephane Hessel). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Edgar Morin. *Rumo ao Abismo. Ensaio sobre o destino da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Edgar Morin. *Meu caminho*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Edgar Morin. *O ano zero da Alemanha*. Porto Alegre: Sulina 2009.



Edgar Morin. *Filhos do Céu. Entre vazio, luz e matéria.* (com Michel Cassé). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Michel Serres. *Ramos.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Michel Serres. *O Incandescente.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2005.

Michel Serres. *Variações sobre o corpo.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2004.

Michel Serres. *Hominescências. O começo de uma outra humanidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2003.

Matthieu Ricard, Ilios Kotsou, Gabs. *As Extraordinárias Histórias do sábio Nasredin.* São Paulo: Palas Athena, 2021.

Matthieu Ricard, Christophe André, Alexandre Jollien. *ABC da Sabedoria.* São Paulo: Palas Athena, 2021.

Matthieu Ricard, *Para nós a Liberdade,* e *ABC da Sabedoria.* São Paulo: Palas Athena, 2021.

Julia Kristeva. *Beauvoir Presente,* Edições Sesc. 2019.

Michel Maffesoli. *A palavra do silêncio.* São Paulo: Palas Athena, 2019.

Maurice Godelier, Org. *Sobre a morte, invariantes culturais, práticas sociais.* São Paulo, Edições Sesc, 2017.

Georges-Didi Huberman et al. *Levantes.* Tradução coletiva. Sesc 2017.

Charles Pépin, *Os filósofos no divã.* Porto Alegre: Sulina 2008.

André Glucksmann. *O discurso do ódio.* Rio de Janeiro: Difel, 2007.

Simonne Jacquemard. *Pitágoras e a harmonia das esferas.* Rio de Janeiro: Difel, 2004.

André Comte-Sponville et al. *A mais bela história da felicidade.* Rio de Janeiro: Difel, 2004.



Mariza Perassi Bosco



ENCRUZILHADAS DA LINGUAGEM

Guitta Pessis-Pasternak, org. *A ciência: Deus ou Diabo?* São Paulo: Editora Unesp
2001

